

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 441 p.

Allan de Paula Oliveira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)
E-mail: mafuadomalungo@hotmail.com

C oletânea de pequenos artigos, organizada por Lilia Moritz Schwarcz e André Botelho, dedicados ao que os organizadores, na apresentação, chamam de “pensamento social brasileiro”. O livro reúne 29 pequenas contribuições, de diferentes especialistas em áreas como literatura, sociologia, antropologia, história, saúde e ciência política, sobre autores que, ao longo dos últimos dois séculos, produziram reflexões sobre a sociedade brasileira. Sua organização é cronológica e cobre uma lacuna que vai desde o período imediatamente posterior à Independência e à elaboração da primeira Constituição brasileira – décadas de 1830 e 1840 – até a década de 1970. *Um enigma...*, portanto, permite ao leitor acompanhar diferentes momentos sobre o pensamento social no Brasil e sobre o Brasil – distinção a que me reportarei adiante – e, por sua organização cronológica, observar a constituição de um importante campo intelectual, em seus diferentes matizes, tendências, inflexões críticas, correlações e diálogos entre autores.

Tradicionalmente, a ideia de um pensamento sobre o Brasil muitas vezes assume a ênfase no modernismo e a geração que, entre os anos 1920 e 1940, produziu interpretações vigorosas sobre a sociedade brasileira e que orienta muito do que se escreve sobre o país ainda hoje. Sob essa ênfase, os nomes de Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda tornaram-se clássicos, verda-

deiros “autores” – no sentido estabelecido por Roland Barthes –, em oposição à figura do mero “escritor”, ou seja, intelectuais que fundaram paradigmas narrativos.

De fato, esses três autores estão contemplados na obra. Mas é interessante observar como o livro estende tanto para o passado quanto para décadas posteriores a análise desse pensamento social, recuperando tanto autores pouco comentados nos cursos de ciências sociais e história, devido à sua longevidade temporal – como o caso do pensamento conservador do Visconde do Uruguai (Paulino José Soares de Souza) ou das propostas dos chamados “liberais radicais” (Teófilo Otoni, Silveira da Mota e Tavares Bastos), produzidas no Segundo Império, entre as décadas de 1840 e 1860 –, quanto autores contemporâneos cuja avaliação crítica da obra ainda se constrói, seja por seu desaparecimento recente (como os casos de Darcy Ribeiro, Gilda de Mello e Souza, Richard Morse e Otávio Ianni), seja por sua atuação ainda presente (exemplos de Fernando Henrique Cardoso e Roberto Schwarz). Dessa forma, a obra oferece ao leitor um panorama vasto e diverso do pensamento produzido sobre a sociedade brasileira, além de permitir a observação de alguns temas que se constituíram motivos recorrentes, temas-chaves a partir dos quais diferentes obras eram produzidas. Desses temas gostaria de enfatizar alguns.

O primeiro é a ideia de uma unidade nacional, cara ao pensamento produzido no contexto da Independência e da Constituição de 1826, bem como às elaborações intelectuais das décadas de 1920 e 1930, produzidas no contexto da emergência de um projeto político unificador. No primeiro caso – representado na obra pela análise do pensamento do Visconde do Uruguai, bem como do pensamento liberal do Segundo Império – aparece em relevo a preocupação com o tipo de sociedade a ser fomentada pela recém-criada Nação brasileira. Nesse sentido, observa-se uma tensão que marcará o pensamento político brasileiro do período (século XIX), tensão esta que opõe sociedade e Estado. Por um lado, um pensamento que preconiza uma gerência centralizada da sociedade, na figura de um Estado forte – apanágio, no século XIX, do pensamento conservador –, por outro, um pensamento federalista, preconizando maior autonomia

das províncias em detrimento do centralismo representado pela corte no Rio de Janeiro. O contexto de desenvolvimento dessa tensão é mais bem iluminado se lembramos que entre 1822 e 1845 o Brasil enfrentou uma série de movimentos separatistas, desde a Independência em separado na Bahia, em 1823, até a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul, entre 1835 e 1845.

No segundo caso, as reflexões sobre a unidade nacional produzidas no contexto das décadas de 1920 e 1930 não se relacionam mais ao tipo de sociedade – se mais centralizada ou mais federalista – a ser construída. Embora houvesse, novamente, um forte debate entre a ideia de Nação, representada pelo Rio de Janeiro, e os diferentes regionalismos da época, as reflexões sobre a unidade nacional nesse período começam a incorporar um terceiro elemento: a ideia de um sistema internacional que pode ser sintetizada na expressão de Eric Hobsbawm: o “concerto das nações”. Essa é uma das chaves de leitura que os textos de *Um enigma...* oferecem à obra de autores como Paulo Prado e Mário de Andrade, por exemplo.

O segundo grande tema é a escravidão, regime de trabalho e código central nas relações sociais da sociedade brasileira no período imperial e que, mesmo após a proclamação da República, constituirá um tema de reflexão de diversos intelectuais, à medida que é apontada como uma espécie de “estigma” que marcará a sociedade brasileira ao longo de sua história. Em relação a esse tema, o livro traz comentários sobre a obra de Joaquim Nabuco e André Rebouças, autores que trataram diretamente do trabalho escravo. Por outro lado, essa temática reaparece de forma sub-reptícia nos estudos sobre relações raciais no Brasil, tais como os desenvolvidos em obras de Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Otávio Ianni, Oracy Nogueira, Guerreiro Ramos e Luiz Costa Pinto, para citar os contemplados com estudos críticos no livro, ou seja, a escravidão fomentou não somente textos que a atacavam no seu presente, mas também estudos que objetivaram suas consequências.

A questão da mestiçagem constitui o terceiro grande tema, cobrindo o final do século XIX e boa parte da primeira metade do século seguinte. Ela é central nos estudos de autores como Sílvio Romero,

Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Paulo Prado, dentre outros. É interessante observar que a leitura de *Um enigma...* permite ao leitor acompanhar as diferentes valorações dadas à mestiçagem, ora vista como o princípio do mal na sociedade brasileira – Nina Rodrigues –, ora vista, quando atrelada à análise das interpenetrações culturais brasileiras, como meio de esvaziamento da temática racial e de valorização de elementos da cultura popular brasileira – Gilberto Freyre. Ao mesmo tempo, a mestiçagem, analisada indiretamente na forma de outros fenômenos e conceitos – como sincretismo, por exemplo, na obra de Roger Bastide –, atravessou o século XX, tornando-se, em alguns casos, uma espécie de senha para um “elogio à brasilidade”, como na obra de Darcy Ribeiro.

O quarto grande tema emerge a partir dos anos 1940, com a realocação do Brasil no quadro pós-Segunda Guerra Mundial e o aprofundamento das relações capitalistas no país, fato visto como modernização – embora analisada por vários autores de forma crítica. Esse tema consiste numa análise da forma como essa modernização se choca com estruturas sociopolíticas do tipo tradicional, dando origem a formas híbridas que recebem valorações diversas segundo diferentes autores. Em todos, contudo, há uma preocupação comum: a de observar o grau de modernização da sociedade brasileira e apontar para questões decorrentes de uma modernização que não se completa. É o caso, por exemplo, do trabalho de Maria Isaura Pereira de Queiroz sobre o coronelismo ou de Antonio Candido sobre as transformações do modo de vida caipira diante do avanço de relações modernas de produção. Estabelecido como um dos temas centrais na produção das ciências sociais brasileiras, a partir da década de 1950 – muito em função do trabalho intelectual de Florestan Fernandes – o tema da modernização se constituiu em uma seara comum e reconhecível a obras díspares em termos de objeto: além dos dois autores citados acima, podem-se incluir Otávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Richard Morse e Roberto Schwarcz.

Ao apontar grandes temas que permitem, na leitura, estabelecer correlações entre os 29 autores apresentados no livro, não se pretende aqui reduzi-los a grupos. Pelo contrário, *Um enigma...* con-

vida o leitor a observar a originalidade de cada autor, a forma como cada um atualiza, de acordo com matrizes teóricas diferentes e contextos diversos, o pensamento sobre a sociedade brasileira. No entanto, a observação desses grandes temas é interessante como uma espécie de fundo para a avaliação de cada uma dessas atualizações. Nesse sentido, algumas ausências são notáveis e chamam a atenção do leitor mais atento. A primeira, e mais óbvia de todas, é a de Roberto Da Matta, citado, inclusive, no texto de apresentação do livro e, dessa forma, usado como fundamento para a construção da coletânea. Outra ausência – significativa por apontar para linhas de forças do pensamento social no Brasil – é a dos ideólogos do Estado Novo, como Alberto Torres e Cassiano Ricardo, autores que produziram interpretações sobre a realidade brasileira, mas do ponto de vista de um pensamento colocado à direita no espectro político. O mesmo ocorre com Roberto Campos ou Golbery do Couto e Silva, que produziram leituras sobre o Brasil para a fundamentação da ditadura militar estabelecida após 1964. No caso destes quatro últimos autores citados, *Um enigma...* reflete certo estigma, por parte das ciências sociais brasileiras, sobre o pensamento de direita como objeto de estudo. Isso é mais significativo quando se observa que a obra procura reunir trabalhos desenvolvidos no GT *Pensamento social no Brasil*, organizado pela Anpocs desde 1981. Talvez essa pequena lacuna seja um convite a uma reflexão sobre o que Pierre Bourdieu chamou de “modos de objetivação” da realidade social, os quais seguem os interesses do pesquisador.

Por fim, a leitura de *Um enigma...* evoca um espírito intelectual que, nos últimos 20 anos, parece-me esvaziado. Refiro-me aqui ao esforço intelectual de apreender o Brasil na sua totalidade, ou seja, o interesse de interpretar a sociedade brasileira de maneira geral. Fruto, talvez, de uma maior especialização acadêmica, esse esvaziamento da temática “sociedade nacional” nas ciências sociais tem seu lado perverso que se reflete exatamente na atuação pública dos intelectuais. É interessante observar que quase todos os autores estudados em *Um enigma...* também tiveram uma intensa participação em debates públicos, numa forma de atuação intelectual muito mais pre-

sente fora da universidade do que se observa atualmente. É verdade que as ciências sociais se especializaram e se profissionalizaram, circunscrevendo de forma mais limitada os espaços considerados legítimos para a atividade intelectual, o que não deixa de ser salutar. Mas é interessante observar que esse “sumiço do intelectual” do debate público – agora ocupado, sobretudo, pelo jornalismo – empobrece não somente a própria atividade intelectual, como cria uma distância entre esta e os exercícios de construção de cidadania. Os autores apresentados em *Um enigma...*, em sua maioria, nos convidam a refletir também sobre o papel do intelectual na esfera pública, reflexão mais do que urgente.

Recebido em: 23/08/2010

Aceite em: 23/09/2010